

Outras velocidades: vivendo o “feeling du moment” no mundo rural canadense

Paulo Rogers Ferreira¹

Resumo: Este artigo é resultado do desdobramento parcelar de tese doutoral em antropologia rural e do álcool. Tendo como foco a cosmologia de encontros sexuais anônimos nas estradas que circundam um vilarejo rural canadense, busco introduzir e aprofundar o conceito de “feeling du moment” vivenciado pelos frequentadores de tais espaços. Por “feeling du moment”, os que frequentam tais espaços entendem a aquisição de sensações intensas, sempre imprevisíveis, experimentadas durante tais encontros.

Palavras-chave: antropologia rural; antropologia do álcool; “feeling du moment”; cosmologia.

¹ Antropólogo, doutor em antropologia pela Université Laval, Canadá. Pesquisador associado ao Canadian Centre for Health and Safety in Agriculture – CCHSA. E-mail: prferreira76@gmail.com

Other speeds : living the “feeling du moment” in the Canadian rural world

Abstract: This article is the result of the my doctoral thesis in rural and alcohol anthropology. Focusing on the cosmology of anonymous sexual encounters on the roads that surround a rural Canadian village, I aim to introduce and pursue the concept of “feeling du moment” experienced by the visitors of such spaces. By “feeling du moment”, the visitors of the spaces understand the acquisition of intense sensations, always unforeseen, experienced during such encounters.

Keywords: rural anthropology; alcohol anthropology; “feeling du moment”; cosmology.

Otras velocidades: viviendo el “feeling du moment” en el mundo rural canadiense

Resumen: Este artículo es el resultado parcial de una tesis doctoral en antropología rural y del alcohol. Centrándose en la etnografía de los encuentros sexuales anónimos en las carreteras que rodean un pueblo rural canadiense, buscará profundizar estos encuentros a partir de que los frequentadores de tales espacios llaman de “feeling du moment”. Por “feeling du moment”, ellos comprenden la adquisición de sensaciones intensas, siempre impredecibles, durante tales encuentros.

Palabras claves: antropología rural; antropología del alcohol; “feeling du moment”; cosmología.

*“Se para esta noite você estiver a fim de ficar
comigo,
a noite é doce e podemos andar por aí,
se bem que tudo não dura que um tempo,
gostaria que você fosse, por um momento...
minha estrela cadente”*

*Les étoiles filantes,
canção popular quebequense,
Les Cowboys Fringants, 2004 (tradução livre).*

Introdução

Este artigo é um desdobramento parcelar de minha tese de doutorado² em antropologia rural e do álcool. Trata-se de uma etnografia no Canadá rural, mais especificamente no vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce³ (Quebec), vilarejo com 2.400 habitantes, em que encontros sexuais entre muitos habitantes desta localidade com transeuntes (pessoas encontradas aleatoriamente nas estradas que cortam o povoado) são constantes. Sob o efeito do álcool ao volante, e do que os habitantes do lugar conceituam como “feeling du moment”⁴, homens e mulheres se deslocam com seus carros para viver estas aventuras furtivas. Portanto, este artigo volta-se para a intensidade de tais encontros, sendo que os transeuntes encontrados nas estradas não se apresentam sob efeito do álcool, mas afetados pelo “feeling du moment” com quem bebe, o fenômeno investigado se processa.

Por “feeling du moment”, os que frequentam esses circuitos entendem a aquisição de sensações intensas experimentadas durante tais encontros. Este fenômeno nada tem a ver com normas culturais ou morais associadas as quantidades de álcool ingeridas, sob a base do que a sociedade canadense considera como “aceitável” e “normal”, isto é, três copos de álcool por dia (Ferreira, 2016), mas sobre a necessidade de encontros intensos (de quem bebe com outrem),

² FERREIRA, Paulo Rogers. Ce qui nous rassemble autour de la “dernière bière” : vivre le feeling du moment en Beauce (Québec). Tese de Doutorado, Antropologia, Université Laval, 2016. Disponível em : <http://theses.ulaval.ca/archimede/meta/32678>

³ Nome fictício escolhido pelos habitantes do vilarejo.

⁴ A expressão “feeling du moment” (em inglês: “feeling of the moment”) não é exclusiva desta região. Na América do Norte, e mesmo alhures, ela é pronunciada. Sua origem é portanto desconhecida. No caso da região rural investigada que é francófona, localizada na fronteira com os Estados Unidos, os habitantes costumam mesclar as línguas inglesas e francesas, como é o caso da expressão aqui citada.

sempre arriscados (tendo o risco como fascinação), em que o mundo rural canadense ganha em encanto, sedução e magia.

Desta feita, este artigo se delineia em três partes co-dependentes. Em uma primeira parte, um panorama do cenário canadense da política de prevenção contra o alcoolismo, exercida pelo Governo quebequense e no qual colaboram os profissionais de saúde, os sociólogos, os economistas, os psicólogos, os antropólogos etc, influenciando a dinâmica destes encontros sexuais “anônimos”⁵ nas estradas que cortam o vilarejo citado. Em seguida, exponho minha inserção no vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce e a descoberta, para o campo da antropologia, do conceito de “feeling du moment” em meio a tais encontros. Por fim, o aprofundamento de tal conceito no trabalho de campo, levando em consideração sua cosmologia. Demonstrada esta estratégia de apresentação, este artigo é uma colaboração às sensações em antropologia rural. O que é bem diferente de uma antropologia das sensações/emoções⁶.

1. O cenário canadense

Podemos situar a intensificação das políticas de prevenção contra o alcoolismo na província de Quebec, Canadá, entre os anos 1950 e 1960. Em 1950, constituiu-se a primeira década do pós-guerra em que víamos a América do Norte se industrializar e a procura de “trabalhadores sóbrios” para o ofício nas fábricas. O motivo desta procura era porque muitos trabalhadores chegavam indispostos nas segundas-feiras para o trabalho após passarem os finais de semanas a beber em bares e cabarés. É também a época na qual os intelectuais quebequenses cultivavam os ideais de modernidade e progresso. Via-se, assim, o aumento do nacionalismo centrado na construção política de uma identidade francófona na América, o que culminou na Revolução Tranquila⁷, isto é, a tomada do poder central pela burguesia laica emergente das indústrias apoiada por intelectuais

⁵ A palavra “anônimos” aqui requer aspas, haja vista que todos no vilarejo sabem, via rumor, que tais encontros existem e quem os frequentam.

⁶ Por antropologia das sensações/emoções entendo a análise simbólica e identitária das emoções, os estudos dos comportamentos, dos conceitos de pessoa, de self e da intersubjetividade buscando uma “teia de significados” (Geertz) relacionando ao indivíduo, à cultura e à sociedade. Para Mauro Guilherme Pinheiro Koury (2005): “A emoção, como objeto analítico das Ciências Sociais, pode ser definida, então, como uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causado pela interação com outros em um contexto e situação social e cultural determinados” KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A antropologia das emoções no Brasil. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 4, n. 12, 2005, p. 239. Ora, como veremos, o fenômeno do “feeling du moment” ultrapassa essa “determinação cultural” das sensações/emoções. Portanto, trata-se de entregar a antropologia às sensações (sempre imprevisíveis) e não traçar “padrões culturais” das sensações/emoções.

⁷ No que tange a Revolução Tranquila, Eurídice Figueiredo (1994) acresce: “[A] Revolução Tranquila em 1960 [foi] quando a identidade do canadense francês, até então representado como um povo oprimido e humilhado pelo Outro, o inglês, minoria em seu próprio país, se transforma no quebequense moderno e ativo, maioria em seu ‘Estado’, que detém o poder para definir os rumos de seu destino. Não mais voltado para um passado de derrotas mas projetando-se para um futuro de sucesso.” FIGUEIREDO, Eurídice, Canadá-Quebec: identidades problemáticas, Florianópolis, Ilha do Desterro, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 31, p. 57-71, 1994, p. 57.

nacionalistas (Chamberland, 1983; Bourque, Duchastel et Beauchamin, 1994; Gauvreau, 2008).

Nesse sentido, o consumo excessivo do álcool, interpretado pela burguesia laica emergente e pelos intelectuais nacionalistas como a falta de “sobriedade” (“consciência”) dos trabalhadores das fábricas, era visto como um empecilho ao avanço da Revolução Tranquila face ao ideal de progresso, sobretudo industrial. Desse modo, velhas questões sobre as consequências negativas das condutas excessivas e alcoolismo foram postas pelos cientistas associados ao Governo. O alcoolismo era visto como uma doença provocada por uma “desordem moral” do indivíduo em função do esquecimento do dever patriótico. Por “dever patriótico”, o Governo entendia o trabalho “sóbrio” nas fábricas em nome do progresso e da Revolução, isto é, sem estar bêbado ou com indisposição. Dito de outra maneira, o alcoolismo provocava a falta de responsabilidade, a violência, o crime e os acidentes de trabalho que deveriam ser combatidos em nome de uma “nação quebequense sóbria e forte”, símbolo da Revolução.

Outrossim, essa opinião, que colocava o alcoolismo como um dos empecilhos à Revolução Tranquila, não era expressa exclusivamente pelos intelectuais quebequenses. Tais intelectuais recebiam influência de trabalhos como o de Friedrich Engels, mais especificamente do livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, publicado em 1845, em que constava a problemática da embriaguez coletiva nos finais de semana nos bares e cabarés por parte dos imigrantes irlandeses que trabalhavam nas fábricas de Londres. Engels (2010 [1845]), ao tratar do consumo excessivo do álcool entre os irlandeses imigrantes, na época da Revolução Industrial, ressaltava o problema desta “conduta deplorável” para o que ele chamava, juntamente com Marx, de “revolução do proletariado”:

Tudo, no irlandês, favorece o alcoolismo [...]. A tentação é muito forte, ele não resiste e bebe todo o dinheiro que ganha. Como poderia ser diferente? Como pode a sociedade – que o relega a uma situação em que se tornará alcoólatra quase por necessidade, deixa-o embrutecer-se e não se preocupa com ele – acusá-lo quando, de fato, ele se torna um bêbado? É contra esse concorrente que é obrigado a competir o operário inglês: um concorrente que ocupa o lugar mais baixo da escala social que pode existir num país civilizado e que, por isso, contenta-se com um salário inferior ao de qualquer outro trabalhador. (Engels, 2010 [1845]: 133-134)

Em 1961, o Comitê de Estudos e de Informação sobre o Alcoolismo (CEIA) do Ministério da Família e do Bem-Estar Social, constituído sobretudo por cientistas, representantes das indústrias de bebidas, das escolas de ensino médio, das universidades, dos agricultores católicos, da polícia, do clero e dos militantes dos movimentos de temperança, lança o slogan: “Um povo sóbrio é um povo forte”, no momento em que víamos surgir as primeiras pesquisas sociais sobre o alcoolismo no Quebec (Tremblay, 1968 [1963]; Bernard et Laforest, 1966; Laforest, 1968; Vachon, 1968). No relatório anual de 1964 do CEIA, podemos ler: “O Comitê apresenta a sobriedade como um elemento positivo. A sobriedade é um elemento

de força na vida de um indivíduo e na vida da sociedade: ‘UM POVO SÓBRIO É UM POVO FORTE’” (CEIA, 1964 : 6 – tradução livre).

É o antropólogo Marc-Adélarde Tremblay, professor de antropologia da Université Laval, a universidade mais antiga do Quebec e localizada na capital da província, que vai ser o responsável pelo setor científico das políticas de prevenção contra o alcoolismo junto ao CEIA. Este antropólogo nacionalista, em nome da Revolução Tranquila, isto é, em nome do progresso industrial, do modernismo e do patriotismo quebequense, vai orientar, a partir de 1963, várias pesquisas de campo em toda a província para traçar um perfil sociocultural e econômico dos acometidos por alcoolismo, tendo como meta a posterior reabilitação de tais indivíduos aos ideais da Revolução. Por perfil sociocultural e econômico dos acometidos por alcoolismo entende-se a conduta excessiva dos que bebem que teria como substrato a violência familiar, a baixa estima do indivíduo, a irresponsabilidade com o cumprimento dos horários de trabalho, os gastos financeiros compulsivos e a perda dos valores regionais/culturais (entende-se valores patrióticos).

Tremblay vai traçar um Plano Diretor, isto é, pesquisas quantitativas e qualitativas em que a interdisciplinaridade será fundamental para compreensão do alcoolismo que também impedia o Quebec de fazer sua Revolução. Assim, sociólogos, antropólogos, historiadores, cientistas políticos, geógrafos, psicólogos, assistentes sociais, médicos e economistas formavam esta leva de intelectuais que, em trabalho de equipe, mapeavam onde o alcoolismo se fazia presente, seja nas grandes cidades, seja em áreas rurais cobertas pela implementação das indústrias. A intenção era cobrir toda a província, afinal uma revolução nacionalista e moderna, no caso a Revolução Tranquila, precisaria de todos os cidadãos “sóbrios” (“conscientes”) a favor da causa.

Neste ínterim, via-se pesquisadores da Université Laval e da Université de Montreal por toda a província, recolhendo informações em uma grande pesquisa de âmbito nacional (Laforest, 1968; Vachon, 1968; Charest, 1970). Conceitos como patologia social (Laforest, 1968) em que o alcoolismo se torna causa de anomia social na sociedade quebequense; deteriorização cultural (Vachon, 1968) em que o consumo excessivo do álcool deteriora os valores culturais/patrióticos e desorganização social (Charest, 1970) em que os abusos do álcool passam a ser sinônimos de desorganização da família e das despesas econômicas sevirão para tratar do alcoolismo em regiões rurais e urbanas. Debatia-se que o alcoolismo era um “problema nacional” e que devia ser combatido o mais rápido possível (Tremblay, 1968 [1963]).

Nos anos 1970, víamos a aparição de uma abordagem psicossocial para controlar os que não são “sóbrios” para a Revolução. Os médicos começavam a perder poder nas pesquisas, pois centravam as análises apenas em fatores biomédicos, desprezando portanto as causas subjetivas, sociais e políticas, e os psicólogos passavam a ganhar terreno, ampliando assim estas três últimas

dimensões desprezadas pelos médicos. Questões ligadas à subjetividade dos que bebem excessivamente apareciam em uma tentativa de aliá-la com a cultura. Este vínculo entre subjetividade (campo da psicologia) e cultura (campo da antropologia) advém da influência do CEIA, instituição na qual o antropólogo Marc-Adéland Tremblay iniciou o campo de pesquisa dos estudos sociais sobre o alcoolismo em Quebec. Neste ínterim, o Governo do Quebec, sob comando de Daniel Johnson, cria uma comissão de pesquisa sobre a saúde e o bem-estar social da população. A chamada Comissão Castonguay-Nepveu (CCN) concluía que a Igreja Católica e a sociedade civil não podiam mais assegurar à população as condições de vida julgadas satisfatórias. Em outros termos, só o Estado poderia cumprir o papel de assegurar o melhoramento dos serviços de oferta à população (Lebel, 2008).

Em 1972, vemos a criação de Centros Locais de Serviços Comunitários (CLSC), de Departamentos de Saúde Comunitária (DSC), dos Conselhos Regionais de Saúde e de Serviços Sociais (CRSS) e dos Centros de Serviços Sociais (CSS) para assegurar as políticas de Estado, incluindo as políticas de prevenção contra o alcoolismo (Brisson, 2000). Profissionais de saúde e cientistas sociais se deslocavam para as áreas rurais ou para os grandes centros urbanos na intenção de capacitar agentes de saúde, isto é, habitantes dos vilarejos ou dos bairros das grandes cidades que pudessem ajudar a identificar localmente os que bebem excessivamente (Bourassa et Fafard, 2003; Ferreira, 2016). A imprensa também será fiscalizada, no intuito de exibir apenas propagandas “moderadas” sobre o consumo do álcool, sem, portanto, incentivar o consumo excessivo – símbolo de irresponsabilidade e de vício (Bourdrieau, 1976; Prévost et al., 1986; Heron, 2003). Destarte, cada vez mais o consumo excessivo do álcool será controlado na província em nome do progresso, da ciência, da laicidade, da modernidade, da ordem, da Revolução Tranquila. Áreas rurais inteiras serão investigadas. O alcoolismo, sobretudo a “falta de sobriedade” (de “consciência”) que ele produzia perante a Revolução, era um “mal” para as indústrias, para o progresso, em outros termos, para a economia (Tremblay, 1968 [1963]; Laforest, 1968; Vachon, 1968; Charest, 1970).

Nos anos 1980, viu-se a passagem⁸ das pesquisas preventivas de cunho nacionalista para as pesquisas preventivas centradas em uma “ciência do sujeito” de cunho construtivista e humanista. O foco era o sujeito acometido em sofrimento intenso nos hospitais públicos (sobretudo os pacientes terminais em que o alcoolismo acarretou em câncer). Psicólogos, antropólogos, assistentes sociais entre outros se deslocam até os hospitais para fazer os pacientes terminais relatarem sobre (a construção de) suas enfermidades no intuito de prevenir novos casos. Por meio de questionários, análises clínicas e simbólicas, é traçado o perfil

⁸ Segundo Olivier Dickson (2009), apesar da Revolução Tranquila ter terminado oficialmente em 1970, elementos de sua continuidade permanecem latentes até os dias atuais na sociedade quebequense tais como os ideais de progresso, a eficiência no trabalho, a busca pela “qualidade de vida”, o racionalismo, sobretudo econômico etc.

sociocultural do alcoolismo enquanto doença incapacitante, sobretudo para a autonomia (empowerment) do indivíduo em sociedade e para o trabalho nas fábricas. No mais, os cientistas vão fazer o contraponto entre o discurso do doente (subjetivo e cultural) e do médico (centrado em fatores biomédicos) para apontar as assimetrias discursivas que dificultam a reabilitação do paciente não terminal.

É assim que em 1990 vai surgir na província uma abordagem complementar denominada “redução dos malefícios” (*réduction des méfaits*), isto é, reduzir o consumo excessivo do álcool, mas sem proibir a prática em definitivo a curto prazo. Para este fim, diminui-se o percentual alcoólico nas bebidas para que a longo prazo possa finalmente acabar com a dependência alcoólica. Em nome dos direitos humanos, da nação e da “maximização da saúde” (Massé e Mondu, 2014), políticas públicas de saúde serão executadas. Por exemplo, Pierre Brisson (1997), um dos representantes desta abordagem, apresenta produtos de substituição para reduzir o consumo das bebidas fortes: “A naltrexona pode ajudar ao tratamento do problema do álcool; [...] podemos implantar a bebida moderada em troca das bebidas fortes ou dos solventes entre os que bebem” (Brisson, 1997: xvi – tradução livre). Ele lista, assim, o que tem que ser feito: melhor administração do espaço do bar; disponibilidade de instrumentos de auto-avaliação do alcoolismo no local; controle sob as pessoas que saem do bar sob efeito do álcool e vão dirigir; comunicação da administração dos bares com a polícia; bafômetros, blitz etc. Em síntese, esta abordagem de redução dos malefícios do consumo excessivo do álcool, sem proibir o consumo a curto prazo, é a abordagem atual implantada na província de Quebec.

Apresentada esta mescla histórica de nacionalismo e ciência moderna que compõe o cenário da política canadense contra as condutas excessivas e alcoolismo, delinco na próxima seção minha entrada no universo rural quebequense, mais especificamente no vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce, na região da Beauce, para demonstrar as estratégias de muitos habitantes do lugar para escapar a esta luta estatal e científica contra o “alcoolismo”. Ressalto, por fim, que este artigo não é uma apologia ao alcoolismo. Tenho pleno discernimento que se trata de uma enfermidade crônica, necessitando intervenção em muitos casos. A questão que levanto é como esta enfermidade serviu de pretexto para o controle das condutas ditas “excessivas” em toda a província em nome de “trabalhadores sóbrios” (“conscientes” e “responsáveis”) para andamento de uma revolução assimétrica de cima para baixo, historicamente situada. No mais, o conceito de “feeling du moment” entre os que bebem não é viável se o indivíduo adquire alcoolismo (o que seria, segundo eles, o fim do “feeling” com alguém). Os habitantes do vilarejo ressaltavam que aquele que adquire alcoolismo é imprudente face ao “feeling du moment” com outrem, em outros termos, seria um egoísta que não pensou no “feeling” do grupo e se voltou apenas para suas vontades e problemas pessoais.

2. A descoberta para a antropologia do conceito de “feeling du moment” em Beauce (Quebec)

Por que aprofundar o conceito intensivo de “feeling du moment” entre os que bebem álcool na região rural da Beauce (Quebec)? Para responder a esta questão, seleciono três itinerários complementares. Em primeiro lugar porque sou estudioso da antropologia rural, interessado sobretudo no intenso das relações afetivas e sua cosmologia em populações rurais. Quando da escolha do local de pesquisa, residia na cidade de Quebec (capital da província). Como brasileiro em primeira estadia no Canadá, a região rural da Beauce, situada a alguns quilômetros ao sul da cidade de Quebec parecia-me uma oportunidade para conhecer o mundo rural canadense. Em segundo lugar porque se tratava de uma região pouco etnografada pelos antropólogos daquela província, o que acentuou minha curiosidade pela região. Finalmente, em terceiro lugar, porque ao começar a ler o escasso material sobre a Beauce (literatura científica, romances, folclore, jornais etc) constatei, pouco a pouco, que o tema “consumo do álcool” era recorrente, apesar de não ser o centro do material recolhido. Constatei também que quando se tratava deste tema, cientistas, romancistas e jornalistas faziam conjecturas, associando-o aos “clássicos problemas do alcoolismo” (falta de moral, irresponsabilidade, dependência alcoólica, destruição da família, gastos econômicos exorbitantes etc) ou ao humor e seus excessos (o “povo festeiro e quente” da Beauce). No mais, a descoberta, para o campo da antropologia, do conceito de “feeling du moment” entre os que bebem é inédita. Não há, até o momento, trabalhos científicos no Canadá e alhures sobre este fenômeno específico, o que motivou o aprofundamento desta pesquisa.

A região rural da Beauce na província de Quebec, Canadá, se encontra entre dois rios que formam o rio Chaudière, traçados ao longo de um grande corredor com formato triangular. Na fronteira da região, para o norte, se encontra a capital da província, a cidade de Quebec, a cidade mais antiga do Canadá e que fica a 233km de Montreal. Quanto aos limites do sul, a fronteira com o Estado do Maine, nos Estados Unidos. Para o oeste, a região tem como fronteira os municípios de Lotbinière, Appalaches e Le Granit e para o leste os municípios de Etchemins e de Bellechasse. A Beauce é situada, enfim, na região administrativa Chaudière-Appalaches.

Para melhor visualização da região em termos político-administrativos, segue abaixo o mapa (figura 1):

Localização da Beauce na Província de Quebec, Canadá



Figura 1

Fonte: Eure et Loir: Terre de Beauce. Disponível em:

http://gegedu28.vefblog.net/gege_du_28/15.html (acesso em 15/03/2017)

A região rural da Beauce, uma das regiões rurais com mais indústrias implantadas no Canadá (mais de 500 pequenas e médias indústrias atualmente), é conhecida no imaginário quebequense como uma área de “bebedores excessivos”, imaginário propagado sobretudo pela imprensa. Em campo, constatei que esta região era coberta pelas políticas de prevenção contra o alcoolismo, isto é, profissionais da saúde visitavam constantemente os vilarejos a procura de habitantes que pudessem ser “multiplicadores das ações de prevenção” (Bourassa et Fafard, 2003), ou seja, tratava-se de capacitar certos moradores-chave, tidos

⁹ No trato do vilarejo investigado para esta etnografia, Sainte-Brosse-de-Beauce, havia sete pequenas e médias indústrias implantadas na época desta pesquisa em que o fluxo de trabalhadores de fora (forasteiros) nos bares do vilarejo após uma jornada de trabalho era constante.

como conhecedores da dinâmica do vilarejo e que não fossem bebedores excessivos para que assim eles pudessem identificar quem bebe excessivamente para prevenir o “alcoholismo” na região.

As políticas governamentais de prevenção do alcoholismo eram mantidas sob uma aliança das principais instituições da sociedade (o departamento de polícia, as escolas, as universidades, a imprensa, a Igreja Católica, as indústrias, os centros de saúde e de serviços sociais, os movimentos de temperança etc). No caso da região rural da Beauce, uma das prioridades era o combate ao álcool ao volante, devido não apenas as estatísticas oficiais sobre bebedores excessivos na região (1% a mais da média nacional segundo Statistique Canada, 2011) mas sobretudo a divulgação na imprensa de grande circulação de jovens dirigindo sob efeito de álcool após passarem nos bares depois de uma jornada de trabalho nas indústrias locais ou se deslocando nos finais de semana para os bares e cabarés da região. No Canadá, a imprensa exerce forte influência sobre as condutas e as decisões políticas.

Para fazer a sensibilização na região, a distribuição de panfletos e palestras eram ministradas em bares, festivais, festas agrícolas e mesmo nos vestuários dos jogadores de hockey amador (esporte nacional em que o consumo do álcool após os jogos é presente entre os jovens). No mais, eram impressas, nas agendas escolares dos alunos de ensino médio, informativos sobre as consequências econômicas que os jovens condutores de veículos poderiam sofrer se fossem pegos sob efeito do álcool ao volante. A multa era de R\$ 15.814,68 (englobando a apreensão do veículo, o aumento do seguro do automóvel etc). Apesar de toda essa política, o Governo e os profissionais de saúde não entendiam por que os jovens da Beauce continuavam a viver perigosamente¹⁰.

Neste sentido, esta etnografia me conduziu a considerar a dimensão dos afectos¹¹, pois se tratava de uma exigência dos frequentadores destes encontros sexuais nas estradas que cortam a região para que o antropólogo também se entregasse ao “feeling du moment” com eles.

Minha entrada nestes encontros sexuais foi inusitada. Estava fotografando as garrafas de cervejas descartadas nas estradas que cortam o vilarejo para identificar qual marca de cerveja era a mais consumida ao volante (as de teor alcoólico mais forte ou moderado) para anexar ao meu diário de campo, quando, repentinamente, para um carro com um grupo de moças sob efeito do álcool.

Fragmento de conversa

Moças ao volante: “Wow!! Um belo rapaz andando sozinho na estrada...”

Antropólogo: “Obrigado! Estou fazendo uma pesquisa sobre o consumo do álcool na região!”

Moças ao volante: “Em uma estrada deserta e sozinho?”

Antropólogo: “Sim!”

¹⁰ Sobre este aspecto, ver Journal La Presse, a reportagem Ces routes qui tuent: “Changement de mentalité” en Beauce sob o site : <http://www.lapresse.ca/actualites/national/201310/18/01-4701143-ces-routes-qui-tuent-changement-de-mentalite-en-beauce.php>

¹¹ Trata-se aqui do conceito de afecto em Baruch de Spinoza, isto é, como aquela sensação que aumenta nossa potência de agir compondo, assim, uma ética da alegria com outrem. Ver SPINOZA, Baruch de. Ética. São Paulo, Autêntica, 2009.

Moças ao volante: “Ha ha ha... quer entrar em nosso carro?”

Neste momento, minha curiosidade sobre o vilarejo me fez perguntar, antes mesmo de adentrar o carro, se elas eram residentes do vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce, o que provocou uma reação negativa por parte das moças:

Antropólogo: “Vocês são do vilarejo de Sainte-Brosse-de-Beauce?”

Moças ao volante: “Que pergunta imbecil, deixa pra lá! Vamos embora meninas!”

E partiram antes mesmo que eu pudesse adentrar o veículo. (Agosto de 2013, tradução livre)

Este acontecimento abrupto chamou minha atenção quanto a saber se este evento era isolado ou se muitos habitantes do lugar frequentavam as estradas sob efeito do álcool em busca de aventuras furtivas (sexuais, sobretudo). Desloquei-me até o bar central do vilarejo e perguntei a vários clientes se tais propostas inusitadas nas estradas da região eram corriqueiras, o que eles confirmaram em coro que sim. Passei, portanto, a frequentar a pé as estradas todos os finais de tarde durante o outono de 2013. Uma certa vez, um rapaz em torno dos 23 anos, e sob efeito do álcool, para o carro e me pergunta:

Fragmento de conversa

Rapaz (23 anos, solteiro): “Sozinho na estrada, meu amigo?”

Antropólogo: “Estou pesquisando o consumo do álcool na região”.

Rapaz (23 anos, solteiro): “Ha ha ha... sozinho em uma estrada deserta? Sei... ha ha ha!”.

Como tinha adquirido experiência com o episódio anterior, logo o adverti:

Antropólogo: “Aviso desde já que não me interessa saber seu nome e de onde você vem!”.

Rapaz (23 anos, solteiro): “Ha ha ha! Entra no meu carro, meu amigo, pois o que se passa na Beauce, morre na Beauce! Vivamos o ‘feeling du moment!’” (Agosto de 2013 – tradução livre).

Com a intensificação da minha pesquisa de campo, o comando “Esqueça tudo e viva o ‘feeling du moment’ comigo, antropólogo!” foi o que mais ouvi nas estradas da região. Descobria, assim, que o que levava estes frequentadores a tais encontros sexuais nas estradas da região não era apenas o efeito do álcool ou o prazer sexual, apesar que eles estavam sob o efeito do álcool e a procura de prazer sexual, mas o efeito do efeito do álcool e do prazer sexual, o “feeling du moment” com outrem, isto é, esta relação intensa propriamente dita adquirida momentaneamente nestes encontros.

No início do trabalho de campo, tive grande dificuldade para entrar em contato com quem frequentava tais encontros. Muitos habitantes do lugar aconselhavam para que eu fosse fazer esta pesquisa em outro vilarejo, que o alcoolismo não existia em Sainte-Brosse-de-Beauce e que eu não tinha nada o que fazer em terra de família. Esta resistência por parte dos habitantes do lugar se dava pela associação que eles faziam entre minha pesquisa e as políticas de prevenção

contra o alcoolismo do Governo, o que posso resumir em três co-relações: a) o receio dos habitantes do lugar que acreditavam que minha pesquisa poderia cristalizar a imagem do vilarejo associada ao consumo excessivo de álcool; b) a possibilidade que esta imagem pudesse reforçar as políticas de prevenção contra o alcoolismo na região, sobretudo com o aumento das blitz policiais nas estradas e, finalmente, c) a crença que a imprensa pudesse se servir de minha etnografia para publicar reportagens sensacionalistas sobre os habitantes do vilarejo. Esta última co-relação pode ser associada ao fato que o prefeito local tinha organizado uma festa para todos os prefeitos da região em que a quantidade de recursos gastos com o álcool foi motivo de escândalo na imprensa. Portanto, meu trabalho de campo tinha inicialmente um grande desafio: deixar claro aos habitantes do lugar que minha etnografia não estava associada às políticas de prevenção contra o alcoolismo do Governo do Quebec.

3. Outras velocidades: vivendo o “feeling du moment” no mundo rural canadense

O conceito de “feeling du moment” é complexo, envolvendo sobretudo o consumo do álcool e uma metafísica com a natureza, sendo, portanto, necessário uma leitura complementar da minha tese (Ferreira, 2016). A título de síntese para este artigo, posso resumi-lo como a aquisição de sensações intensas e imprevisíveis vividas durante encontros sexuais de muitos habitantes do vilarejo rural de Sainte-Brosse-de-Beauce com pessoas anônimas encontradas aleatoriamente nas estradas que cortam a região. Para ascender ao “feeling du moment” nestes encontros, passos são traçados. Neste sentido, selecionei alguns destes passos para problematizar teoricamente este conceito.

Primeiro passo: a aposta

O primeiro passo é a aposta que algo pode acontecer de positivo nas estradas, quando do encontro com outrem. Se nada acontece, ao menos eles estão na busca, como eles me disseram. Este algo pode ser sexo fortuito sob a influência de momentos intensos, cumplicidades momentâneas, novas aventuras regadas a álcool, frenesi, alegria, em outros termos, o “feeling du moment”. Porém, a aquisição do “feeling du moment” nestes encontros é sempre imprevisível, haja vista que não se pode saber de antemão se haverá um “feeling” (agradável) com alguém ou mesmo se haverá “feeling” nestes momentos de busca, sendo, portanto, a probabilidade da aquisição do “feeling” com outrem o combustível para a aposta.

Frequentador dos circuitos (23 anos, solteiro): “A gente aposta no ‘feeling du moment’, antropólogo! A gente pega nosso carro com o pensamento positivo e vai à busca de novas aventuras nas estradas!”

Antropólogo: “E se nada acontece?”

Frequentador dos circuitos (23 anos, solteiro): “Ora, ao menos a gente vive a aventura! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, setembro de 2013 – tradução livre).

Fragmento 2

Frequentadora dos circuitos (34 anos, solteira): “O melhor é sair pelas estradas à busca do ‘feeling du moment’ com alguém, antropólogo!”

Antropólogo: “Isso significa o quê?”

Frequentadora dos circuitos (34 anos, solteira): “Ah, encontrar um belo rapaz perdido na estrada! Ha ha ha!”

Antropólogo: “Ah... ontem estive nas estradas da região e não vi nenhum!”

Frequentadora dos circuitos (34 anos, solteira): “ah, antropólogo, não desista... aposto que na próxima você verá! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, novembro de 2013 – tradução livre).

Fragmento 3

Frequentador dos circuitos (40 anos, casado): “O melhor horário para encontrar alguém nas estradas é final da tarde!”

Antropólogo: “E se não aparecer ninguém neste horário?”

Frequentador dos circuitos (40 anos, casado): “Antropólogo, a gente tem que acreditar que vai aparecer, ora! Senão, a gente não sai de casa! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, janeiro de 2014 – tradução livre)

Em tese, a aposta na probabilidade de se viver o “feeling du moment” com alguém nas estradas da região tem um sentido singular. Como o “feeling du moment” é imprevisível, esta aposta abre, em termos antropológicos, a perspectiva sem perspectiva (sem garantia prévia) do que vai acontecer em cada encontro. Ora, não se sabe de antemão o que vai acontecer quando do encontro com outrem, o jeito é ir se deixando guiar pela aposta que o “feeling du moment” pode surgir.

Segundo passo: a invenção de um esquecimento momentâneo

O esquecimento do “dever patriótico” (interpretado pelo Governo e pelos intelectuais nacionalistas como irresponsabilidade ou falta de consciência face ao futuro do Quebec) sempre serviu de retórica às políticas de prevenção contra o alcoolismo na província. No entanto, o esquecimento momentâneo dos problemas pessoais, dos nomes de família, dos fuxicos do lugar, das políticas de prevenção contra o alcoolismo, sobretudo das blitz nas estradas, e do fantasma do alcoolismo como doença abre a probabilidade, nestes encontros sexuais nas estradas da região, para a ascensão ao “feeling du moment” com alguém. Ora, se os frequentadores destes encontros lembram que estão sob constante vigilância da sociedade quebequense e do fantasma do alcoolismo como doença, eles não podem viver o “feeling du moment”. Portanto, trata-se da estratégia de esquecer

propositadamente, por alguns momentos, tudo aquilo que possa bloquear o “feeling”.

Este esquecimento momentâneo nada tem a ver com amnésia (perda de memória) causada pela dependência alcoólica, como faz crer as políticas de prevenção contra o alcoolismo no Quebec, mas com uma estratégia para que o “feeling du moment” com outrem possa acontecer. Trata-se de fazer um pouco de tábula rasa na consciência (dos problemas pessoais, dos fuxicos no vilarejo sobre tais encontros, do fantasma do alcoolismo como doença etc) para viver esta sensação enquanto durar o encontro.

Fragmento 1

Frequentador dos circuitos (31 anos, solteiro): “Ah, antropólogo, a gente precisa viver o ‘feeling du moment’, meu amigo! Esquece tuas questões de pesquisa, esquece teus problemas pessoais e os fuxicos deste lugar e viva o ‘feeling’ nas estradas da região!” (fragmento de conversa, outubro de 2013 – tradução livre).

Fragmento 2

Frequentador dos circuitos (26 anos, solteiro): “Ah, quando eu estou nas estradas e um belo rapaz me pede carona, ah... eu esqueço até de onde nasci! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, janeiro de 2014 – tradução livre)

Fragmento 3

Frequentadora dos circuitos (40 anos, solteira): “A gente sabe que alcoolismo é uma doença. A gente sabe que é perigoso beber ao volante. A gente sabe das blitz nas estradas e dos fuxicos do vilarejo. Mas se a gente for lembrar dessas coisas na hora do “feeling”, ah... a gente trava [corta o “feeling”]!” (fragmento de conversa, fevereiro de 2014 – tradução livre).

Em tese, este esquecimento momentâneo é a faculdade de abrir espaço para sentir o momento enquanto durar o “feeling” com alguém nas estradas da região.

Terceiro passo: aquisição de um corpo que suporte o efeito do álcool

O efeito do álcool no organismo humano é a primeira indicação para as políticas de prevenção contra o alcoolismo no Quebec, porém nestes encontros sexuais regados a álcool nas estradas da região, o efeito do álcool é uma das estratégias para ascender ao “feeling du moment” com alguém. Este dado etnográfico complexifica o conceito de “feeling du moment”, pois os frequentadores de tais encontros precisam viver esta aventura nas estradas sem sofrer um acidente ou adquirir a dependência alcoólica. No mais, eles não podem chegar ao porre, o que levaria ao fim do “feeling du moment” com um possível transeunte. Sendo assim, é necessário um corpo que suporte o efeito do álcool para viver o efeito do efeito do álcool que é o “feeling du moment” com outrem. Dito de outra maneira, os frequentadores destes circuitos esquecem, momentaneamente, a quantidade de

álcool ingerida, ultrapassando assim o efeito do álcool (em que eles podem chegar ao porre) para ascender ao efeito do efeito do álcool, o “feeling du moment” (sem chegar ao porre, eles podem agir nestes encontros), o que é uma vontade de potência positiva.

Sendo assim, os frequentadores de tais encontros se concentram sob a invenção de um corpo que suporte o efeito do álcool para ascender ao “feeling du moment” e, sobretudo, para continuar nele. Trata-se, sobremaneira, de uma necessidade física, mas também social e afetiva.

Fragmento 1

Frequentador dos circuitos (23 anos, solteiro): “A gente precisa suportar o efeito do álcool para viver o ‘feeling du moment’, antropólogo!” (fragmento de conversa, dezembro de 2013 – tradução livre).

Fragmento 2

Frequentador dos circuitos (45 anos, casado): “Qualquer um que vive estes encontros nas estradas da região não deseja ficar de porre, sofrer um acidente ou ser pegos pela polícia. A gente quer é viver o ‘feeling du moment’, antropólogo!” (fragmento de conversa, janeiro de 2014 – tradução livre).

Fragmento 3

Frequentador dos circuitos (20 anos, solteiro): “Se você ficar de porre, antropólogo, você não está preparado para viver o ‘feeling du moment’ com alguém na estrada. Pelo contrário, você vai parar é em um hospital ou na delegacia de polícia! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, fevereiro de 2014 – tradução livre).

Em tese, suportar o efeito do álcool para viver o efeito do efeito do álcool com alguém (o “feeling du moment”) é a exigência dos frequentadores destes encontros à busca de aventuras intensas nas estradas da região. Quando se vive o “feeling du moment” nestes encontros, o efeito do álcool já está longe. Este que ascende ao “feeling” vive um momento dos mais intensos induzido pelo próprio “feeling”. Para quem vive o “feeling”, não se trata mais de sentir o efeito do álcool, mas de sentir o “feeling” sob efeito do álcool. O “feeling du moment” é o único efeito que interessa para os frequentadores destes encontros.

Quarto passo: o abandono e o desconhecimento de si

O abandono voluntário e temporário que tem como consequência o desconhecimento de si (das vontades individuais) sob efeito do “feeling du moment” com alguém é considerado pelas políticas de prevenção contra o alcoolismo no Quebec a prova da dependência alcoólica que causa a perda da auto-consciência ou da auto-estima. Todavia, tal abandono e tal desconhecimento de si ganham uma nova interpretação para os frequentadores destes encontros sexuais nas estradas da região. Por exemplo, muitos homens ditos heterossexuais nestes

encontros se relacionam sexualmente com outros homens por consequência do “feeling du moment”¹². Mulheres que são casadas e que relatam serem fiéis aos seus maridos dizem que, no “calor da hora”, não sabiam porquê elas faziam aquilo e que elas “não estavam em si” (desconhecimento de si). Em outros termos, este abandono e desconhecimento voluntários e temporários de si no “feeling du moment” produz essa relação impessoal no “calor da hora”.

Fragmento 1

Frequentador dos circuitos (30 anos, casado): “Quando estou nas estradas nem sei mais quem sou! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, novembro de 2013 – tradução livre).

Fragmento 2

Frequentadora dos circuitos (50 anos, casada): “Ah, quando vejo um belo homem nas estradas nem respondo mais por mim! Ha ha ha! (fragmento de conversa, dezembro de 2013 – tradução livre).

Fragmento 3

Frequentador dos circuitos (28 anos, solteiro): “Sou heterossexual. Mas se aparecer homem, se aparecer mulher na estrada, ah... eu pego! O que vale é curtir o ‘feeling du moment’, meu amigo!” (fragmento de conversa, fevereiro de 2014 – tradução livre).

Em tese, o abandono e o desconhecimento voluntários e temporários de si é este momento em que “não respondemos mais por nós mesmos” no “feeling du moment” com outrem.

Quinto passo: o gosto pelo risco

O risco é um conceito estigmatizado pelas políticas de prevenção contra o alcoolismo do Governo do Quebec. Associado aos “grupos de risco”, ele é sinônimo de perigo, de irresponsabilidade, de promiscuidade e passível de intervenção em saúde pública. Porém, para os frequentadores dos encontros sexuais nas estradas da região, o risco é compreendido como fascinação. Ora, o risco do que pode acontecer no “feeling du moment” com alguém (como positivo) é a aposta que faz valer a pena se arriscar nas estradas à busca de novas aventuras. O gosto pelo risco provoca, nos frequentadores de tais encontros, esta necessidade de entrega ao desconhecido como único caminho para se chegar ao “feeling du moment”.

Fragmento 1

¹² Ressalto que o abandono e o desconhecimento de si (das vontades pessoais) para viver o “feeling du moment” com outrem não pode ser confundido com o segundo passo (o esquecimento momentâneo dos problemas pessoais, dos fuxicos do vilarejo sobre as condutas para viver o “feeling du moment” com outrem). Trata-se, sobretudo, de um abandono do próprio corpo à intensidade sempre imprevisível do “feeling du moment”.

Frequentador dos circuitos (25 anos, solteiro): “Temos que arriscar, antropólogo! Se a gente não se arrisca, como vamos saber se vamos entrar no ‘feeling du moment’ com alguém nas estradas da região?” (fragmento de conversa, março de 2014 – tradução livre).

Fragmento 2

Frequentador dos circuitos (30 anos, solteiro): “Amanhã vou para a estrada, antropólogo! Não sei se vou encontrar alguém, mas só arriscando para saber, não é mesmo?” (fragmento de conversa, abril de 2014 – tradução livre).

Fragmento 3

Frequentador dos circuitos (40 anos, casado): “Quem não se arrisca na vida, não vive o ‘feeling du moment’! Leve essa para o Brasil, antropólogo! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, abril de 2014 – tradução livre).

Em tese, o gosto pelo risco é essa fascinação dos que vivem esses encontros sexuais nas estradas da região. Ele é o instante onde a busca do “feeling du moment” é vertiginosa: tudo pode acontecer. O risco como fascinação é o que faz estes encontros serem vividos ao limite (do “feeling”). Sem se arriscar na vida, os frequentadores destes encontros me disseram que a vida passa a ser intediante. O gosto pelo risco se desloca, assim, da visão estigmatizada dos “grupos de risco”, estipulada pelas políticas de prevenção contra o alcoolismo do Governo do Quebec, para se tornar pura sedução.

Sexto passo: o excesso

A conduta excessiva sempre foi mal compreendida pelas políticas de prevenção contra o alcoolismo no Quebec. Associada a falta de consciência e de responsabilidade, ela é passível de intervenção pelo Governo. Conquanto, o conceito de excesso ganha uma outra dimensão nestes encontros sexuais nas estradas da região. Ele é, para os frequentadores de tais encontros, a necessidade de viver uma sucessão de “feelings du moment” no decorrer da vida com vários transeuntes nas estradas da região. Portanto, o conceito de excesso é este depois do “feeling” para talvez viver outro “feeling” em uma outra ocasião, fazendo, pois, do mundo rural canadense pura surpresa a cada encontro.

Fragmento 1

Frequentadora dos circuitos (20 anos, solteira): “Que história é esta, antropólogo, que a gente só vive estes encontros nas estradas uma vez na vida? Ha ha ha! A vida não acaba após um ‘feeling’! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, janeiro de 2014 – tradução livre).

Fragmento 2

Frequentador dos circuitos (25 anos, solteiro): “Depois que a gente experimenta o ‘feeling du moment’ uma vez não quer mais parar! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, janeiro de 2014 – tradução livre).

Fragmento 3

Frequentador dos circuitos (40 anos, casado): “Por mais 24 horas, antropólogo! Já ouviu essa expressão no Brasil? Ha ha ha!” (fragmento de conversa, janeiro de 2014 – tradução livre).

Em tese, o conceito de excesso dos frequentadores de tais encontros produz esta sucessão de “feelings du moment” em todo o curso de suas vidas, complexificando, assim, a definição de fim do “feeling”. Ora, tal sucessão é a transgressão deste fim que produz a repetição do fenômeno ao mesmo tempo que afirma o “feeling” vivido pelos frequentadores cada vez que eles vivem um novo “feeling”. Dito de outra maneira, a cada vez que um frequentador desses encontros nas estradas da região vive um novo “feeling du moment” com outrem, ele volta a esta experiência estabelecendo uma diferença entre o último “feeling du moment” vivido e este que ele vive no momento, por conta das sensações em jogo em cada ocasião. O excesso entre os frequentadores de tais encontros é esta impossibilidade de parar de viver o “feeling du moment” nas estradas da Beauce.

Sétimo passo: a prudência relativa

A prudência face ao álcool é uma das propagandas da política de prevenção contra o alcoolismo no Quebec. Ela é associada ao “consumo moderado” estipulado não por quem bebe, mas pelo Governo. Todavia, o conceito de prudência ganha um sentido outro para os que frequentam estes encontros sexuais nas estradas da região. Trata-se de uma prudência relativa, conceito complexo que se divide em dois movimentos a saber: 1) a consciência clara que eles podem sofrer um acidente nas estradas sob efeito do álcool ou adquirir o alcoolismo enquanto doença, logo eles devem ser prudentes quanto a isso, e 2) o resguardo de não cortar o “feeling du moment” com outrem por conta dos problemas pessoais, do efeito do álcool ou das políticas de prevenção contra o alcoolismo do Governo. No caso deste segundo movimento, os frequentadores de tais encontros buscam se distrair momentaneamente (sem pensar muito no que pode acontecer) para que o “feeling du moment” possa aparecer. Ora, se eles pensam muito nesta hora, eles podem bloquear a vinda do “feeling du moment”, como eles me disseram. O que significa que o “feeling du moment” é um movimento leve (sob esta distração momentânea), vertiginoso (devido ao risco) e frágil (a qualquer momento pode desaparecer). A prudência é, portanto, relativa, pois o que vale para estes frequentadores das estradas é se distrair momentaneamente em que o estado de atenção sobre os problemas externos ao “feeling du moment” poderia dissipá-lo bruscamente.

Fragmento 1

Frequentador dos circuitos (32 anos, solteiro): “Antropólogo, vou lhe dar um conselho: não fique lembrando dos acidentes das estradas, das políticas de prevenção ou do alcoolismo. Viva o ‘feeling du moment’ de forma agradável! Claro, não beba muito antes de pegar o carro, mas viva a coisa suavemente! Você está na Beauce! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, dezembro de 2013 – tradução livre).

Fragmento 2

Frequentadora dos circuitos (25 anos, solteira): “Ah, se um rapaz ficar pensando muito durante o ‘feeling’ que tenho com ele, ah... eu caio fora! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, dezembro de 2013 – tradução livre).

Fragmento 3

Frequentador dos circuitos (28 anos, solteiro): “Pensou demais, adeus ‘feeling du moment’! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, janeiro de 2014 – tradução livre).

Em tese, a prudência relativa é este ato de se distrair (sem pensar muito nos instantes que se vive) para que o “feeling du moment” aconteça com outrem. Ela é este instante de tábula rasa da consciência para sentir a alegria do encontro com outrem. A prudência relativa é esta necessidade básica dos que frequentam tais encontros em que a ignorância ganha sua força positiva.

Oitavo passo: a busca do novo

A circulação de muitos habitantes da Beauce pelos bares e pelas estradas da região sob efeito do álcool ao volante é motivo de escândalo na imprensa e de grande preocupação do Governo. Não obstante, para os frequentadores destes encontros sexuais nas estradas, ela é a busca pelo novo (da “novidade”, como eles dizem), esta que é viver o “feeling du moment” com alguém. Os frequentadores dos bares e das estradas me disseram que só saem de casa para os bares e para estes encontros sexuais porque eles são atraídos pelo novo no “feeling du moment”. Esta atração irresistível faz com que homens e mulheres vivam esta busca rumo ao desconhecido. Seja nas estradas que cortam o vilarejo, seja nos bares, casas, vestiários dos jogadores de hockey amador ou ainda nos festejos por toda região da Beauce. A busca pelo novo (novas aventuras) é esta necessidade humana, demasiada humana, como diria Nietzsche (2000), dos frequentadores destes encontros. Ela é para eles o alegre espanto perante a vida.

Fragmento 1

Frequentador dos circuitos (20 anos, solteiro): “Antropólogo, como é uma vida inteira sem novidade? Ha ha ha!” (fragmento de conversa, abril de 2014 – tradução livre).

Fragmento 2

Frequentadora dos circuitos (20 anos, solteira): “Quem aguenta a mesma coisa todo dia, antropólogo? Ha ha ha!” (fragmento de conversa, abril de 2014 – tradução livre).

Fragmento 3

Frequentadora dos circuitos (25 anos, casada): “Vida sem novidade? Eu prefiro a morte! Ha ha ha!” (fragmento de conversa, abril de 2014 – tradução livre).

Em tese, a busca pelo novo (novas aventuras) é portanto a busca pelo “feeling du moment”, sempre imprevisível a cada ocasião, sempre singular. A vida dos frequentadores de tais encontros é esta vida enquanto novidade a cada “feeling”.

Conclusão

Este artigo procurou introduzir o conceito de “feeling du moment” em antropologia rural e do álcool. Dividido em três partes co-dependentes (o cenário canadense da política de prevenção contra o alcoolismo; a descoberta, para o campo da antropologia, do conceito de “feeling du moment” e a etnografia realizada sobre o tema no Canadá rural) procurou-se aprofundar as sensações (e a relação) quando da experiência do fenômeno investigado.

Neste sentido, a conclusão deste artigo não sai ileso desta experiência intensa. Contagiada pela sobriedade dos que bebem e pelo conceito de “feeling du moment”, ela se torna interminável pela natureza sempre imprevisível de cada “feeling du moment” e desta sucessão de “feelings du moment” durante os dois anos de trabalho de campo. Trata-se de não concluir, pois quando pensamos que podemos concluir algo sobre o conceito de “feeling du moment”, ele se modifica novamente pelas sensações sentidas no momento em que se vive. Eis o efeito que produz o “feeling du moment” entre os que bebem e o antropólogo no ato de escrita deste artigo: espécie de perspectiva sem perspectiva (sem garantia do que escrever na próxima frase) produzida enquanto se escreve sob efeito do “feeling du moment”, algo próximo ao que Raphael Meciano (2016) conceitua sobre o desassossego na escrita de Fernando Pessoa:

O desassossego quanto à representação de si, que força a invenção de um outro corpo que não se representa; trata-se do corpo da escrita — quando se inventa a forma de livrar-se de si mesmo, pois o reconhecimento na vida ordinária é o próprio estado de choque a partir da evidência de um Eu como equivalência ‘a todo mundo’ (os outros ‘Eus’) no interior de hábitos repetitivos. Contudo, nunca se trata de livrar-se do hábito de uma vez por todas, mas de um constante desassossego com o que poderia fazer a escrita parar na repetição do mesmo — é então o desassossego que escreve. (Meciano, 2016: 149)

E eu diria, é o “feeling”.

Referências Bibliográficas

BOURASSA, Annie e FARARD, Andrée. *Évaluation des regroupements intersectoriels dédiés à la prévention de l'alcool au volant en Chaudière-Appalaches*. Sainte-Marie, Quebec, Régie régionale de la Santé et des Services sociaux Chaudière-Appalaches, 2003.

BOURDREAU, André. La publicité sur les boissons alcooliques. *Toxicomanie*, Vol. 9, n. 3, 1976, 251- 254.

BOURQUE, Gilles, DUCHASTEL, Jules e BEAUCHAMIN, Jacques. *La société libérale duplessiste*. Montréal, Presses de l'Université de Montreal, 1994.

BRISSON, Pierre. *L'approche de réduction des méfaits: sources, situations pratiques*. Montreal, Ministère de la Santé et des Services Sociaux, Comité permanent de lutte à la toxicomanie, 1997.

BRISSON, Pierre (Org.). *L'usage des drogues et la toxicomanie*. Volume 3, Montreal, Gaëtan Morin, 2000.

CHAMBERLAND, Paul. *Un parti pris anthropologique*. Montreal, Parti Pris, 1983.

CHAREST, Paul. La consommation des boissons alcooliques sur la Basse-Côte-Nord du Saint-Laurent, *Toxicomanies*, Montreal, n. 3, 1970, p. 329-370.

COMITÉ D'ÉTUDE ET D'INFORMATION SUR L'ALCOOLISME (CEIA), *Un peuple sobre est un peuple fort*. Québec, Ministère de la famille et du bien-être social, 1964.

DICKSON, Olivier. *La Révolution Tranquille: période de rupture ou de continuité?* Dissertação de Mestrado, Ciências Políticas, Université du Québec à Montréal, 2009.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo, Biotempo, 2010.

FERREIRA, Paulo Rogers. *Ce qui nous rassemble autour de la "dernière bière" : vivre le feeling du moment en Beauce (Québec)*. Tese de Doutorado, Antropologia, Université Laval, 2016.

FIGUEIREDO, Eurídice, *Canadá-Quebec: identidades problemáticas*. Florianópolis, Ilha do Desterro, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 31, p. 57-71, 1994.

GAUVREAU, Michel, *Les origines catholiques de la Révolution tranquille*. Montreal, Fides, 2008.

HERON, Craig. *Booze, A Distilled History*. Toronto, Between The Lines, 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A antropologia das emoções no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, vol. 4, n. 12, 2005, p. 239-252.

LAFOREST, Lucien. Facteurs socio-culturels de l'étiologie de l'alcoolisme au Québec : quelques hypothèses de recherche, *Toxicomanies*, vol. 1, n. 1, 1968, p. 105-110.

LEBEL, Louis. La Commission Castonguay-Nepveu: recours à la pensée scientifique et négociations fédérales-provinciales sur le partage des compétences en matière de santé, 1966-1972, *Bulletin d'histoire politique*, vol. 17, n. 1, 2008, p. 247-261.

MASSÉ, Raymond et MONDU, Isabelle. *Réduction des méfaits et tolérance en santé publique, enjeux éthiques et politiques*. Québec, Presses de l'Université Laval, 2014.

MECIANO, Raphael. A perda de si no ato da escrita: o desassossego em Fernando Pessoa. Rio de Janeiro, *Convergência Lusíada*, n. 36, p. 142-150, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

PRÉVOST, Robert, GAGBNE, Suzanne e PHANEUF, Michel, *L'histoire de l'alcool au Québec*. Montreal, Éditions internationales A. Stanké, 1986.

SPINOZA, Baruch de. *Ética*. São Paulo, Autêntica, 2009.

TREMBLAY, Marc-Adélar, Le plan directeur des études sur l'alcoolisme. In: TREMBLAY Marc-Adélar. *Initiation à la recherche dans les sciences humaines*. Montréal, McGraw-Hill Éditeurs, 1968 [1963].

VACHON, André. L'eau-de-vie dans la société indienne. *Toxicomanies*, vol. 1, n. 2, 1968, p. 205-216.

Recebido em 30/03/2017.

Aprovado em 17/04/2017.